



**Contos e
Novelas
Portuguesas
do SÉC. XIX**

Biblioteca Online do Conto

Contos e Novelas Portuguesas do Século XIX

2014, Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, IP

Orientação: Luísa Costa Gomes

Digitalização e Correção: Inês Fonseca Santos

Revista Ficções / Instituto Camões / Instituto do Livro

Aquilino Ribeiro

– **TEM BOM CORPO...**

TRABALHE!

JUSTO – Justo Matias para o servir, meu rico senhor – tinha casinha de seu: duas águas, telha-vã, com dois quartos e lareira, e alguns bens ao luar. No tempo sobejo, ganhava a jorna. Se acontecia ser nos dias grandes, quando a noite é breve como um abrir e fechar de pálpebras, ao voltar do trabalho com a enxada pendurada do ombro como o escudo dum peltasta, aquela enxada de larga ferra que virava a leiva mais fácil que o padre à folha do missal, tomara o costume de sentar-se no amassadoiro do linho que havia à sua porta. Amortalhava o cigarro e, se não estivesse ninguém ao pé, cabeça pendente para o peito, cerrava os olhos. Dormia? Qual, ia fumando e cismando. Dentro de casa estreloçavam nas mãos da mulher as duas tigelas da ceia, ouvia-se a tagarela dos dois pequenos antes da deita, enquanto a escuridade se tornava mais densa. Dentro em pouco, se não fosse a brasa do cigarro, avivada pelos haustos do fumador, o bronze humano ter-se-ia fundido de todo, até se esvaír, na água negra do céu. A mulher, uma vez terminadas as voltas, vinha, não raro, estramontá-lo:

– Homem, estás a malucar na morte da bezerra! Vem-te deitar...

A Justo Matias, quarentão, largo de ombros e peitorais de touro, atarracado de estatura, consideravam-no sem favor o melhor jornaleiro da terra. Eram também ali poucos os cabaneiros, cada qual cultivando as suas courelas e vivendo na meia abastança da tulha, da horta, e do porco salgado pelo Santo André. Quando de roga, o Justo pegava da machada ou sachola, e fazia mais trabalho que três negros juntos. Por isso o disputavam os patrões, sendo milagre que andasse algum dia de mãos nos bolsos em qualquer altura do ano.

Tendo porém os bocadinhos a governar e não possuindo gado de seu, via-se obrigado a preferir aqueles lavradores – nem sempre os mais a seu gosto – que lhos fossem lavrar e semear em equivalência ou elha por elha. Mas eles vinham quando vinham. Lá reza o ditado: quem não tem vacas nem bois, lavra antes ou depois. Primeiro haviam de proceder ao amanhã próprio, o que era compreensível. Mas atrás disso vinha uma série de biscates aleatórios, como ir roçar carqueja na serra, trazer um carro de pedra, arrebanhar a caruma dum pinhal, que não perdiam vez, e eles todos, por sistema, haviam de efectuar antes de ocorrer ao capítulo das obrigações com o próximo. E ele, sempre pronto nas jornas, com menoscabo do seu, todo se agoniava que a lavoira das suas terras fosse relegada para resto, tal as sementeiras de Setembro quando as

feverinhas nascentes do centeio já reluziam na seara dos vizinhos. E o que lhe sucedia com as sementeiras sucedia com a carreta, os molhos a esbagoarem-se nos rolheiros, com a lenha, que havia de arrumar no cabanal chumbada da água dos primeiros chuviscos do Inverno.

– Que lhe hás-de fazer?! – obtemperava a mulher, a tia Maria Justa, matrona de grande trabalho, sempre rota e cacarejante. – É assim, é assim. Ninguém deixa a si pelos outros.

Mas ele, deixava, caramba, ele deixava! Quantas vezes, havendo destinado ir no dia seguinte semear um quartel de feijões na corga dos Frades, lhe vinha uma paqueta bater à porta:

– Tio Justo, meu pai mandou-me rogá-lo para amanhã. É para arrancar um carvalho na ribeira...

– Amanhã não posso, menina, vou semear os meus feijõezinhos, que se está a fazer tarde.

– Meu pai disse que não podia passar sem vossemecê...

Justo Matias, depois de dar duas vezes à cabeça – sinal da sua cólera mansa: eu não estarei primeiro, como tu estás sempre primeiro, quando preciso de ti!? – e lá ia, remetida a sua tarefa a vê-lo-emos.

Porque não eram igualmente assim com ele?

– Sempre assim foi na nossa santa terrinha, homem de Deus! – tornava a mulher.

Ele bem sabia. O lavrador põe à cabeça do rol a lavoira da casa, o que não era pecado, e serviços conexos, mesmo o que não tem hora de aparecer. E mesmo em hora de pressa a favor de Cristo, se voltasse ao mundo, não alteraria o seu calendário. Era por isso, por «os seus lavradores» darem prioridade a coisas que não perdiam vez, quando de segunda importância, que o assaltavam as mágoas.

– És um desesperado! – retrauteava a mulher, que era espírito acabado de conformação e humildade. – Sempre assim foi: primeiro passam os ricos! Dá graças, que não andem a cavalo na gente...

– Era o que faltava! Vão andar a cavalo na mãe!

No fundo, de facto, o Justo era um escravo frenético, sempre de mãos amarradas, mais do que pedia o repertório da vida campestre. As vicissitudes que atravessavam os agros sentia-as como trabuzanas que viessem inscrever-se-lhe no coirão. Chovia quando era altura de fazer sol, ou rechinava quando o sol devia nadar em água – ai Jesus, que há-de ser de nós com tais calamidades! Sofria, até lhe estoirarem as fontes com dores de cabeça, se a sua leira não produzia

tantas sementes como a do vizinho ou que, ao vender os alqueires de cereal que lhe sobejavam, ao outro dia lhe surgisse comprador que oferecia mais dez réis em rasa.

Justo, atormentado noite e dia por estes raladores demónios, não era feliz. O que mais lhe custava era fazer a sua lavoira fora de tempo e horas. Pela santa Ireia, «jongue» os bois e semeia. Onde estavam os bois? Então maldizia da sorte e praguejava:

– Diabos me levem que não nasci filho de pai abundoso! Minha mãe forjou-me com um pobretão como ela. Mais valera torcerem-me o pescoço à nascença. Quitava de andar a comer o casqueiro que falta a outras bocas!

O Justo Matias, porém, era pessoa temente a Deus, tirava na Quaresma a bula de seis tostões da Santa Cruzada, não perdia uma missa, e as suas blasfémias, por via de regra de natureza venial, evolavam-se como as fumaças do seu cigarro kentucki.

*

Um dia, morreu de velho e com o pão a grelar nas arcas o sogro do seu vizinho Ladislau dos Prazeres – *o sogro e o furão só debaixo da terra dão pão* – e logo este apareceu de corda em punho a puxar mais uma vaca para a loja. Tinha uma junta delas, ficava com três, não contando as novilhas. Viu depois sair a vaca nova para o lameiro com as mais, e ficaram-lhe os olhos nela. O Ladislau, que se apercebeu, acudiu logo à querença:

– Andavas a sonhar ter um dia uma vaca. Para apraçar, não era? Aqui tens o animal que te convém...

Justo nem respondeu, sufocado. A Formosa era de facto um bicho de cara. Podia haver melhor estampa, mas com mais ralé não havia na terra. Curtota de corpo, mas pescoceira valente, bonita e bem rimada dos galhos, pelagem cor dos trigos bem maduros, tinha as pestanas ruivas e um olhar doirado como se vê em poucas. Em tudo, uma destas meninas loiraças, salvo seja, que dão água pela barba a quem lhes chama suas. Para ser completa, nada má como leiteira.

– Paivota, Ladislau?

– Qual, paivota? Jermela pura. Olha-a bem... Hem? Queres-ma tu comprar?

– Estás a fazer pouco de mim! Com que ta havia eu de pagar, homem?! O meu dinheiro chega para mandar cantar um cego. Já segundo cego ficava a fazer cruces na boca...

– Sempre há maneira de um homem fazer negócio. Ficas-ma a dever...? Não queres. Olha, dá-me a leira de Vale do Coelho e tens a vaca...

– Não te queres ir virar? E onde hei-de eu ir semear o milho e os gravaços? Que raio de trocas-baldrocas!

– Pois olha, não te propunha nada fora de razão. A leira não vale mais de dois contos. A vaca pode dar isso e muito mais. Parece-te que te queria lograr?

Uma grande pausa perpassou entre eles. Justo reflectia. Ladislau, um grande cigano, dera bem conta que o peixe queria morder. Tornou o dono da vaca:

– Sabes, era para me livrar de ir à feira. Para três vacas, não tenho palhal. Vou com ela a Lamas, se a não vender à porta. Mas eu arrenego de feiras. Um ano, não sei se te lembras, levei lá uma novilha filha da minha *Galante*, e fiquei escaldado. Um diabo de Decermilo deitou-lhe o olho e veio-me tentar: – *Quanto quer, quanto não quer*, firmei-me nas sete notas e meia e dali não arredei. – *Há-de ser por sete*. – *Não, senhor*. – *Há-de ser!* – *Homem, vá em paz!* – *Rache-se a diferença*. Tanto me importunaram que, mal o homem me viu torcer os beiços, tratou logo de pagar o alvoroque. Bebeu-se, alanzoou-se, e vai diz a um mocete: – *Toca lá a vaca para casa, que este tio não desconfia. Na feira dos quinze em Barrelas lá tem o dinheiro...* – Olhe que me é muito precisa a conta... – Homem, já dei a minha palavra. Na próxima feira de Barrelas lá tem o seu dinheiro. Pois vi-me e desejei- -me para receber aquela quantia e o que me valeu foi ter um amigo na Administração da vila...

Entretanto que Ladislau contava a sua história, Justo ia ouvindo e magicando. E não foi preciso que o outro abrisse segunda vez a boca de galrito. Foi ele que se atirou para lá, atontado:

– A tua vaquinha daria para carroça?

– Esta vaca tanto dá para jugo, como para tirantes. A ti convinha-te mais carroça, já vejo. E dou-te razão. Além de que não tens muitas terras a trabalhar, em despesas com apeirias, para quem as não tem, é meio por meio.

E, puxa para aqui, puxa para acolá, o Justo deixou-se cometer. Acabou-se, ficava sem uma terra, mas teria as outras lavradas a tempo e horas, as lenhas recolhidas com a sequeira, e carretados da seara o pão, milhos e milhões, quando pede a sazão. A boa orça na lavoura compensava-o da perda da leira... para mais, que não para menos.

Consumiu na carroça, apeiros, mais achamboaria, as migalhas de vinte anos. Mas uma vaquinha de cara – não se chamasse ela Formosa – entrou para a sua loja. Lá isso ninguém contestava!

Ficou logo a ter-lhe grande amor. Mais amor que à mulher, à luz do dia, à sua alma. Levantava-se de noite se ouvia mugir ou se lhe passava pela cabeça que teria sede ou não fora

bem acomodada. Nos dias de geadas, dava-lhe vianda morna. Cobria-a com a capucha quando entrava suada de algum carroto. A primeira vez que a levou ao boi, para ele foi um sério e magicado acontecimento. O salto, com a respectiva estocada, pesou-lhe mais do que nos próprios ombros. Mas, como episódio fulgurante que era, varreu-se-lhe da lembrança, só para empreender na cria que havia de resultar. De facto, ao ter um bezerrinho, abriu-se-lhe o coração como a uma Páscoa. Passou a dormir ao lado dela e tratava dele, chegando-lho aos úberes, melhor que uma ama a um menino.

A vaca, que era inteligente, cedo apreendeu a afeição que lhe votava o seu dono e retribuía-lha em meiguice e prontitude. E mais confiada nem uma alma cristã. No olhar, no agrado com que fazia tudo o que ele requeria, na ralé que punha a puxar uma carrada onde uma junta emperrava, se lhe via o gosto em corresponder ao bem com que era estimada.

Com a Formosa, fazia o serviço das suas terras, o serviço dos compadres, e sobrava-lhe tempo. Aceitava então qualquer frete. Sempre extremoso, era ele que a levava para o lameiro com a apreensão de que o filho, um rapazote espigado de doze anos e estoira-vergas, pudesse maltratá-la. No Verão ia passeá-la pelas rampas e andurriais baldios, onde verdegasse um tufo de erva que tosar, pois que lhe escasseavam os pastos de seu, e a forragem, que era pouca, guardava-a para os pensos de inverno à manjedeira.

Não obstante os cuidados em matéria de providência, um ano não houve fenos, nem bons nem maus. Justo viu-se à entrada de Janeiro com meia dúzia de molhos de palha painça e outros tantos de canas de milho no palhal.

– Que há-de ser da minha vaquinha, santo Deus?

Logo por desgraça, desabou sobre a serra um temporal desfeito, neve, geadas, ventania, chuva, e os gados tiveram que ficar no estábulo a roer os coanços, quem os tinha, fetos, o cisco dos palhais ou duas folhas da horta, como os porcos.

O Justo gastou quanta forragem tinha de reserva e passou a dar-lhe baldes de vianda, onde metia o que tirava à boca e à dos seus e o mais que podia. Foi-se assim o pobre monte das batatas, depois as ceveiras e o grãozinho da arca. Acabou por não possuir mais que os nabos de um linhar e a erva de outro. Ceifou uma camada, rapou uma segunda, a terra não teve alento para produzir terceira, chisnada pelo codo. O Justo passou a trazer a vaquinha à rédea pelos caminhos a surrar as ervas que haviam resistido nas rampas. À noite, na manjedeira, deitava-lhe o que lhe vinha à mão, hortaliça, couvaria, sua e do alheio – Deus me perdoe, mulher, Deus me perdoe! – sempre que podia fazê-lo, sem correr a vergonha de que o surpreendessem. Mas com estes pensos abusivos do verde, a vaquinha acabou por destemperar-se. Ela a engolir um punhado de

erva e a expulsá-lo logo de seguida. Chamou o veterinário, com quem se afreguesara. O prático foi categórico:

– Substitui o comestio da vaca e radicalmente. Deita-lhe feno, palha painça, palha triga... Tudo de seco.

– E onde o tenho eu?!

– Meu santo...! Se não mudas de manjedeira, perdes a vaca. E é mal-empregada que é um bonito exemplar de jermela!

O Justo, como sempre que tinha alçada no tribunal da consciência, sentou-se no poial a cismar. Era ali o seu Monte Oreb, onde elevava a alma para as estrelas e para Deus. Uma hora, exalçando-se acima da sua condição, abalançara-se a adquirir a vaquinha. Fora maior afoiteza que lançar-se ao mar. Agora, em vez de pôr olhos no chão, fixava as estrelas: que podia ele, argalho dos argalhos, para mover o mundo a seu favor? Quem lhe valeria? Esteve ali muito tempo, como se esperasse que a remota luz sideral lhe entrasse no cérebro e o dirigisse. Que remédios descobriu a sua obtusa imaginação?

Foi-se pelas portas suplicar que lhe valessem. Bateu à aldraba do Gedeão ricaço:

– Bem gostava de te servir, meu homem, mas de feno não me resta uma febra. Levas duas fochas de palha, serve-te?

– Pois bem haja, para arremediar, serve-me, pois não serve!

– Homem, quiseste ter vaca, agora torces a orelha. Sempre me palpitou o que te ia assuocer. Não levavas melhor vida quando davas o dia... papo cheio, à noite seis vinténs a chocalhar no bolsinho, sono maciço, sem cuidados... hem? Diz lá...?

– É a sina da gente! – proferiu para condescender com a macarena.

Continuou na romaria. O Carpito sacudiu-o com certo desabrimiento, abundando no pensar de Gedeão:

– Para que compraste a vaca, se não tinhas com que a manter? Não tenho feno, para venda. Olha, cada um cinja-se àquilo para que nasce. Querias ser lavrador?! Agora arrota! Queixa-te, queixa-te da má cabeça. Como cabaneiro é que tu nos eras útil e te ias governando menos mal. Lavrador, babau; temos de casa. Olha, volta à enxadinha...

O Faustino abriu os braços:

– Feno? Pago-te a dez mil réis o molho; arranjas-mo?

Foi adiante, estribado no rifão mais dá o cru que o nu, ao José Pedroso somítego, que guardava de uns anos para os outros.

– Olha, amigo, feno, não te empresto nem te vendo que não chega para o meu gado. Mas dou-te um conselho: vende a vaca, vende-a enquanto é tempo. Eu não ta quero, mas vende-a... Foste um asno! Quem nasceu para dar a jorna, não se adianta a lavrador. Emenda, emenda a mão!

– A vaca não se vende. Há-de morrer na minha loja. Lá da minha vida, e do que me convém e não convém, só eu sei.

– Lá farás.

O Cerejo não lhe minorou a má sorte:

– Tenho as vacas a palha centeia e duas repas de erva. Já nem dão leite. O Pedroso, se não fosse um unhas-de-fome, é que te podia acudir. Tem feno de há três anos. Até as vacas lho rejeitam de velho. Faltaste-lhe como jornaleiro, se te pudesse trincar a ti e à vaca, trincava-te.

Entrou em casa, vergado, as cordoveias no pescoço desatados barbantes, os olhos imóveis como bugalhos quando secam nos carvalhiços.

– Mulher, dá-me as arrecadas, a ver se compro uma carradita de feno para a nossa vaquinha...

A mulher foi-lhe buscar a chorar aquele único oirinho que possuía. Vendeu as arrecadas, mas feno só lá para a Vouga é que encontrava. E quem lho trazia por caminhos excomungados, com chuva a potes?

*

Na eira da Boa Vista o Pedroso tinha um palhal repleto de feno e outros comestios para o gado. Justo via sair de lá o moço carregado com um, com dois molhos todos os dias ao anoitecer. Tinham entrado para lá muitas carradas altas como torres, quer nos anos de fartura, quer naquele ano de vacas magras. Era um cão de sorte e, tanto ele o reconhecia, que pagava dobrado ao padre e oferecia boas novenas aos santos. O Justo recalcitrava:

– Raios partam, porque dá Deus a uns tudo, e a outros deixa o apito da boca para apitar?!

O lugar no céu que lhe prometia o padre, se pagasse as ementas, cumprisse as obrigações de fiel cristão, e oferecesse aos fartos a garupa para cavalgarem, trocava-o naquela

hora contra uma dúzia de molhos de feno se fosse do bom, daquele em que a corcolher faz o ninho e a gadanha, ao tempo que o foiça, ruge como a seda quando os caixeiros a rasgam ao balcão. Oh, se trocava! A vaca, ele a pôr os pés na loja, a olhar para ele com mais tristeza do que uma alma doente que julga trazerem-lhe a salvação. Não podia haver mais tristeza e ternura juntas. Justo passava-lhe a mão pelo lombo e ela deitava a língua de fora, e torcia-se toda em aduela para lha lambar. E ficava em tremuras. Tremuras como quem curte maleitas. Como quando puxava uma carroçada e era preciso botar o fôlego todo. Mas então era de ralé, a chamar a si as forças suplentes que há de reserva em todo o ser vivo, agora de dor ou amargura, quem sabe lá se consumida também de vê-lo a ele presa de tanto desespero! Justo retirava dali a esmagar uma lágrima, envergonhado de si próprio, com as costas da mão.

Uma daquelas noites, caía água se Deus a dava, deitaram-se mulher e filhos e ele foi deixando dobar as horas, umas sobre outras, de pé no traço da porta a ver as cordas da chuva zebrar a semi-obscuridade do céu. Teria dado a meia-noite, encostou a porta e saiu de casa pela calada, descalço e subtil, de modo a que a mulher, que tinha o sono leve, não desse conta de ele abalar do plantão. Encapuchado, sacho de peta ao ombro, meteu pelas hortas e, apanhando o carreiro de pé posto na aba sul do povo, subiu ao cerro da Boa Vista, coroado pelas medas em capindó como uma senzala de cafres. À desbanda ficavam as duas ou três cardenhas em que os lavradores de mais posses armazenavam a colheita de forragens. Depois de estar um bom espaço acachapado nas sombras, atento aos rumores da noite, as águas que se despenhavam ao longe no açude da ribeira, o ujo que gemia seus lamentos para os pinhais, de ver piscar o olho a umas estrelas e a outras consoante o desfile das nuvens no céu de quarto minguante, foi direito ao palhal do Pedroso. A porta estava fechada à chave e com um pequeno empuxão, que a fez laquear na fecheleira, sondou-lhe a segurança. Inteirado, mediante o prego caibral de que vinha munido, procurou correr o fecho. Na manobra, como resistisse, consumiu muito tempo e nervos, embora a fechadura desse sinais manifestos de devassada e comida pela ferrugem. Três vezes se suspendeu a escutar. Três vezes renovou a tentativa. Ouvia então, primeiro, o seu coração, depois o rocegar do vento nas ramas das árvores, e figurava-se-lhe que a noite, com o imenso corpanzil estendido até lá muito longe, infinitamente longe, para trás da serra, o estava a ver e poderia servir de testemunha. E até o ujo, pois que se calara, não era ponto de fé que se não conjurasse a espreitá-lo. Por fim, aconteceu o prego acertar na falha da mola, e o fecho desandou com rosnido de cão de guarda quando acorda diante de pessoas que nunca vira.

Santo Deus, o rescendor do feno e da palha seca e bem acondicionada atirou-se a ele e sentiu-se deliciosamente submerso como nos braços duma mulher desejada! E logo, mais pelo cheiro e tacto do que pelo resquício de luz que se coava pela porta entreaberta, foi ao monte do

feno e arrancou um, dois, três, cinco molhos. Apertou-os num só vincilho, e com pressurosa atenção, inundado da alegria do sucesso, conseguiu recorrer o fecho. E de molho às costas, encabado no pé do sacho, cauto e veloz como o raposo que leva caça, regressou a penates. Tinha estudado o lance e, para maior salvaguarda, foi esconder o feno debaixo da enxerga depois de tirar um braçado para a Formosa.

À mulher, que olhava para ele muito pasmada, apenas disse:

– Não me perguntes nada e cala-te. Se dás à taramela, esgano-te!

– Vê lá, homem, em que trabalhos te metes! Senhor dos Aflitos, valei-nos!

A vaca teve o penso recomendado pelo alveitar aqueles dois dias. Na terceira noite, em pés de lobo, paro aqui, excogito além, repetiu o saque. E durante todo aquele frio e impossível mês de Fevereiro foi-lhe azado deste jeito prover à manutenção da vaquinha doente. Fizera falta ao ricaço do dono? Duas dúzias de fachas que subtraía à rima do feno, ela continuava tão soberba e compacta que nem parecia bulida. A bicha arrebitava e o movimento de ternura com que olhava para o dono, baixando as pálpebras de ruiva, tornando a olhar e rompendo a retraçar o feno depois de o circunscrever à boca com duas palhetadas da língua, parecia mesmo um bem haja.

Uma noite que Justo Matias dava, já afoito, os primeiros passos no palhal do Pedroso depois da operação já trivial de forçar a fechadura, cinco vultos descoseram-se das cocas do escuro e caíram sobre ele, mal o deixando estrebuchar. O José Pedroso bateu a dentuça amarela a vomitar palavras atropeladas no escorbuto da cólera:

– Ladrão, querias engordar o cangalho da tua vaca à custa do meu rico feno!? Quem havia de dizer, esconder-se um ratoneiro destes na pele dum bom-serás! O que tu precisavas, sei eu. Era enforcado, para escarmento dos pobretainas como tu. Ainda há Deus! Ainda há Deus!

– Perdoe-me, tio Pedroso, eu pago-lhe a dobrar...

– Pagas, com quê? Quanto tens não paga as carradas de feno que me roubaste!

– Não diga isso, levei-lhe uma dúzia de fachas. Tinha a vaquinha da minha alma a estalar de fome e com a caganeira. Tenha dó, perdoe-me.

– Nem que te virasses do avesso. Hás-de ir para a cadeia...

– Ajusto-me consigo três vezes por semana até o reembolsar...

– Na minha casa não pões tu mais os pés. Nem que tivesse de deixar as terras a monte.

– Veja lá, tio Pedroso! Tenho filhos pequeninos a manter...

– Mas que rela! Rapazes, toca com ele para o regedor – e fez sinal aos cinco quadrilheiros que ali estavam às suas ordens, armados de estadulhos da carreta.

– Tio Pedroso – disse voltando a cabeça para trás, olhos fitos no ricaço perfilado no traço do palhal – tenha dó dum pobre!... Ouça... Ouça, tome conta da vaquinha. Por alma de sua mãe não me meta na cadeia...

– Vá, girem!

Levaram-no ao regedor, o Sigismundo, moleiro ladro e fanhoso que era da conróbria do Pedroso e morava na sede da freguesia. Riram-lhe sete olhos:

– Caíste na ariosca, meu melro!? Não serias tu que maquiavas também o meu palhal!? Fui encontrá-lo um dia destes tão diminuído!...

– Senhor Regedor, as mãos me ardam como palhas ao lume se toquei alguma vez no alheio, que não fosse naquele pouco feno do tio Pedroso! E ao fazê-lo, até se me cortava o coração. Eu seja negro se falto à verdade!

– Homem, não jures. Eu conheço-vos a ladainha. Sois todos os mesmos. Cesteiro que faz um cesto, faz um cento se lhe dão verga e tempo.

Passou a noite entre os cinco mascates, pois que não havia lugar seguro em que aferrolhá-lo, eles a bebericar e a comer azeitonas, cujos caroços lhe atiravam à cara de mão disfarçada por trás das costas. Com a alba, alba molhada e triste, varrida por um ventinho barbeiro, levaram-no para a vila. Debalde intercedeu, ao passar no seu povilêu, que ficava no caminho:

– Deixem-me ir despedir da mulher...

– Não há ordens. O que tens a dizer-lhe eu lho digo quando te deixar em ferros – respondeu o Zé Cartaxo, o mais encarniçado contra ele, irmão duma das concubinas do Pedroso, a Júlia Cartaxo.

Um outro, Manuel Trouxa, que lhe parecia mais comedido, de polainos de junco, capucha de capelo a cobrir-lhe o toitiço calvo, as abas para trás dos cotovelos a esvoaçar, rosnou:

– Os larápios têm de desaparecer da superfície da terra. A mim também tu roubaste muitas abadas de couves...

– E és tu que me acusas, Manel?! És tu, que eu fui apanhar dentro de casa a roubar- -me o pão da arca? Vê se te lembras?

– Isso foi uma grandessíssima calúnia que me ergueste! Andava à procura duma galinha que nos desaparecera, e tinham-me dito que a tua mulher tinha-a fechada em casa.

– Mas não ia dentro do saco de pão que já levavas às costas...!

– Anda lá para diante e cala a caixa. E não me abras mais a boca, ouviste? Quem manda aqui sou eu!

Em grupo, silenciosamente, entraram na vila. O Cartaxo era conhecido velho do carcereiro. Entregou-lhe o preso depois de grandes umbigadas de folgança, com apupos de perneio para o ladrão que se deixara caçar no laço.

*

Quando a porta se cispou e dois ou três presos avançaram para ele, focinho arreganhado de coscuilhice, própria de gente para quem não há outra evasão ao escoamento infernal das horas, Justo Matias ficou empedernido um bom espaço, pupilas fora da órbita, sem poder falar à malta que o rodeava. E subitamente lançou-se ao chão, as mãos a agatanhar, a bater com os pés, a morder o asfalto.

– Ai, minha vaquinha! Ai, vaquinha da minha alma, que não te torno a ver! Morres, ninguém te vale!

Uns riam, outros olhavam para ele como para bicho nunca visto nem imaginado. E ali esteve por muito tempo, neste acesso de loucura mansa, nadando por terra, gemendo e urrando, sem fazer reparo em ninguém, até que ao faxina lá lhe pareceu de mais e decidiu-se a bater à porta a chamar o carcereiro. Voltou este, um homem de barba ensilvada de oito dias, com um porrete em punho, como sempre que era requerida a sua intervenção. Não foi preciso usar dele; bastou agarrar-lhe pela lapela da vestia com mão tesa:

– Vens para aqui fazer teatro, meu bruto! Aqui não é sítio para fantochadas...

– Hum! Hum! Eu não torno... Eu não torno... Desculpe, meu senhor! Eu não torno!

– Mas que frenicoques são esses, meu animal?

– Não é nada, meu senhor! É a minha vaca que a não torno a ver, coitadinha! É ela que me morre! Morre, morre! Ai morre!

Desataram todos a rir e o carcereiro, convencido que se tratava dum maníaco inofensivo, bateu a porta, rosnando:

– Tem juízo, senão saltas para o segredo que te consolas! Não me obrigues mais a abrir a porta fora das horas!

Ficaram a chamar-lhe o homem da vaca e era motivo de chacota, que não de piedade, para a grande maioria dos párias que ali purgavam pena, pilhados de mão na arca do próximo, desordeiros das tavernas, rachadores de crânios, valdevinos, e até homicidas à espera de julgamento. Justo metia-se a um canto, indiferente às chufas, sem fraguar com a púrria, e chorava gordas e abundantes lágrimas.

– Porque chora, homenzinho de Nosso Senhor?

– Porque hei-de eu chorar...?! Choro pela minha *Formosa* ...

– *Formosa* é a vaca, não é? Mas que é o que lhe fizeram?

– Não fizeram nada. Não, senhor, não fizeram nada. Sou eu que a deixo morrer de fome. E morre... morre!

– Arranja outra...

– Não arranjo, nem posso. Se aquela me falta, adeus! Acabou-se, nunca mais sou gente...

– Não tem ninguém que lhe trate dela?

– Tenho mulher, tenho dois filhos, um casal já espigado, mas que vale?! Não há que lhe dar de comer. E a vaquinha morre, pois não morre!

– Para assim a estimar, faz-lhe muita falta...?

– Se vossemecê a visse! Quando andava no seu perfeito ser, era uma bonita estampa de jermela. Não é grande, grande, não senhor. Agora mais bem feita não se encontra. É ruiva, da cor da palha, sem mancha nenhuma doutra cor dos pés à cabeça. Então de galhadura, tão igual, cada pau erguido à mesma altura para seu lado, até dá gosto vê-la. E os olhos? Os olhos, não são de animal, são de gente. Mira-me como uma pessoa. Eu e ela conversamos só com o olhar. Nem se pode conceber a amizade que me tem! Se eu lhe gritar: Formosa! ela recolhe-se logo a procurar saber o que eu quero. Às vezes basta-lhe o tom da voz. Uma vez fomos carretar pedra para a residência do senhor Padre. Estava lá uma pedra que ninguém queria carregar. Porque torna, porque deixa, dizia um: – É cá nos fundos; custa a tirar lá para fora dos barrocais; tenho o carro meio escangalhado. Dizia outro: – A vaca amojou agora, não a posso forçar... Um destes era o tio Pedroso, que tem gado alto e arvorado como andores. – Deitem lá a pedra à minha carroça... – digo eu. Subiram a pedra. Cheguei a aguilhada à vaca e falei-lhe em tom que eu sabia que ela me adivinhava: – *Eh, Formosa!*... Ora, arrancou com a pedra como se fosse um arméu de lã. No festo

do caminho, pôs-se a bufar, coitadinha! Nessa noite, dorida de puxar fora da lei, recusou o balde da vianda. Pus-me a anediá-la... viu-me aflito, e mergulhou o focinho na vianda. Dali a pouco, revessava o que comera. Veio a mulher, vieram os filhos, e ali levantámos um coro de gente agoniada. Tanto a encomendámos ao P.e Santo Antão que no dia seguinte estava boa. Vaquinha da minha alma! Ai, vaquinha da minha alma, que te não torno a ver!

Quando a mulher e os filhos vieram visitá-lo com a bolinha fresca, uma choiriça cozida embrulhada numa folha de couve, a primeira pergunta foi:

– A vaca, Maria, a vaca?

A vaca não ia melhor. Não se arranjava que lhe botar de seco. Os filhos ripavam erva pelas ribanceiras, que por toda a parte estava a reverdecer, mas do que ela precisava era de feno.

– Feno?! Feno?!... Foi a nossa perdição.

– A nossa perdição foi tu querereres ser lavrador! Não te bastava ser cabaneiro, e cabaneiro atrás de quem todos andavam mais a mim, mais a mim!?

– Pois foi, mulher, pois foi! Deus não me perdoe a ambição de querer levantar cabeça. Mas a asneira está feita. Vede lá se salvais a vaquinha, tu e os filhos, e deitai-me à margem que o mereço... Vende uma belga... Salvai a vaquinha!

A mulher fitava-o com olhos torvos, mas não destituídos de afecto:

– Dás em zorato, Justo! A vaca há-de-se curar, se Deus quiser...

– E Deus quer? Deus quererá?

– Entrementes vem o tempo bom, já há que comer até mato na serra...

– Pois é. Deus Senhor, salvai-me a vaquinha. Padre-nosso, que estais no céu...

À volta dele a malta soltava surriadas de gáudio:

– Por alma da vaquinha deste tio: Padre-nosso... ave-Maria, reza tu que eu já não posso.

Justo sofria todos os achincalhes com paciência e quando a mulher rodava para a serra, embrulhada na capucha, ele metia-se a um canto a chorar, e ouviam-lhe irromper do peito os involuntários soluços do regato que dá salto duma pedra para o pego.

Um dia de sol – seria meia manhã, estava ele enfronhado contra a parede –, ouviu que o chamavam pela alcunha que pegara e suplantara o nome de baptismo:

– Homem da vaca!... Homem da vaca!

O Justo ergueu-se e caminhou para a porta. Era a mulher, dentro da capuchinha velha, com os filhos descalços, a camisa rota e sem botões no peito.

– Trazemos-te aqui um guisadinho de coelho. O Tónio armou os ferros...

– Bem hajjas. Basta-me o casqueiro da cadeia. A vaca?

Não lhe respondeu à pergunta. Quis encarar com ela, viu-lhe os olhos no chão e compreendeu. Desatou em grande e convulso choro:

– Ai, minha vaquinha! Minha vaquinha! Para mim, o mundo acabou!

– Olha, homem, morreu sequinha como as palhas. Não segurava nada na tripa. Fartei-me de chorar por ela... Mas ainda mais pela nossa rica leira de Vale do Coelho, onde o Ladislau tem cada rolheiro de pão, que são o pasmo de quem os vê.

– Morreu a Formosa, para mim o mundo acabou!

– Não acabou, isso acabou ele?! Hás-de responder na semana que vem por roubo do alheio e arrombamento. O Pedroso não quer que lhe falem em perdão. – Quem no mandou abandonar a vida de cabaneiro!? E eu que tinha sempre que lhe dar a fazer! Está tudo contra ti, os ricos porque são ricos, e os pobres porque são os cães dos ricos. Também o têm de raça. Os ricos dizem-lhes: Ladrai, eles ladram! Mordei, e eles mordem!

não perdoa... E sempre te digo, é uma sorte se à saída da cadeia tiveres a quem dar o dia!

– Sim, sim, será uma sorte. Mas, não te aflijas, eu morri! Faz de conta que morri!

*

Chegou o dia do julgamento. Não nomeou advogado nem forneceu testemunhas de defesa. O juiz, que era o tipo perfeito do bom burguês, nem benigno, nem perverso, tendendo porventura para o optimismo, perguntou à sua altura:

– O réu confessa que roubou?

– Sim, senhor, roubei o feno a um homem rico da minha terra chamado José Pedroso. Nunca lhe roubei mais nada... nem sequer me tranquei diante dele a roubar-lhe o sol nos soalheiros. Também nunca roubei nada a ninguém.

– Diz-se na acusação que lhe roubou mais de um carro de feno...

– Roubei-lhe entre dúzia e meia a duas dúzias de fachas, assim Deus me salve! Num carro, meu senhor, cabem bem oito a dez dúzias.

– Adiante. Arrombou a porta?

– Não senhor, toquei-lhe o fecho para trás com um prego...

– É equivalente. A lei não especifica. Roubou para seu uso ou para ir vender...?

– Meu senhor, roubei para uma vaquinha, que era o meu único bem. Este ano, saberá Vossoria, não tive pastos, nem bons nem maus, e que remédio senão sustentar a vaca a erva e água de farelos enquanto pude! Depois só lhe dei verde. Mas veio-lhe um grande desvairo que, até a andar, chiscava pelas pernas abaixo. Chamei o veterinário para a ver, que me disse: – Justo, se queres salvar a vaca, põe-na de seco, só de seco. Fui-me logo fazer a romaria das portas que me poderiam valer, só se não quisessem: emprestem-me uns molhinhos de feno até o ano. Na novidade torno-lhos ou começo já a pagar-lhos ao dia... Todos me deram com o não na cara. Uns que me respondiam: – *Feno! Quem o dera! Diz-- -me onde o há que vou comprá-lo para mim.* Outros: – *Feno, traz-mo que to peso a vinténs. Fui-me ao tio José Pedroso, a quem dei muitos dias, mais dias do que tem o meu filho mais velho, e chega a juntar no palhal feno de três anos.* – *Por quem é, tio Pedroso, ceda-me uns molhinhos do seu feno. Tem-no a ganhar mofo na cardenha da Boa Vista...* – *Oh, meu grande piranga, onde tenho eu feno com mofo? É por essas e outras, que de minha casa não vês uma feverinha.* – *Quais são essas «outras», diga lá vossemecê, que se forem justas, delas me quero remir.* – *Queres que te fale franco? Olha, deixaste de trabalhar em minha casa, quando te cegou a ambição de teres vaca. Faltaste-me e, desprevenido no primeiro tempo, perdeu-se-me o linho... perdeu-se-me o ervanço... perdeu-se-me o cebolo... eu sei lá o que se me perdeu, porque não encontrei quem me cavasse a terra a tempo e horas.* – *Mas eu não andava ajustado com vossemecê, tio Pedroso!* – *Pois não andavas, mas era o mesmo. Eu não tinha outro cabaneiro, e lá nisso de trabalho, honra te seja, levavas vantagem ao mais pintado. Faltaste-me quando eu não contava!*

Aqui está porque comigo à bola não vais tu mais. O tio Pedroso agarrou-se a esta arguida obrigação e não me emprestou nem vendeu dois molhos de feno que precisava para acalantar a vaquinha em perigo. Pois senhor Juiz, emprestar, ninguém me emprestou comestio. Quis comprá-lo. Vendi o oirinho da mulher. Mas nem com dinheiro na palma da mão fui

atendido. Um ainda me chegou a dizer: – Só se me pagares cada molho a libra. Dirá o senhor Juiz: Fosses comprar fora... Isso quis eu, mas quem mo trazia com um inverno daqueles?! E onde é que o havia a vender? Foi assim, na cegueira da minha desgraça, que me tentei a roubar. Sim, senhor Juiz, roubei, pois roubei! Se o senhor Dr. Juiz tivesse visto a minha vaquinha na doença! Uma vez, que não tinha nada que lhe dar, pus-me a chorar, e quer saber, senhor Juiz, não o vou jurar, mas pareceu-me que a vaquinha se pôs a chorar também. Deitou a língua de fora e não fazia senão assoar-se. O senhor Juiz sabe, nas vacas as lágrimas, que lhes vêm, porque sofrem, ou porque lhes aperta a raiva, descem-lhes para as ventas. Ah! Toda a gente admirava a linda estampa daquela vaca, toda ruiva, um pouquinho menos alourada que as libras de cavalinho, muito certa dos galhos, cabeça bem feita, pestanas de mulher sarda! A minha vaquinha, senhor Juiz, morreu, e eu morri com ela. Mande-me para as cadeias celulares, mande-me para onde quiser que não me importa!

À ordem do juiz, meio perplexo, o oficial de diligências fez entrar as testemunhas de acusação. A primeira foi o Manuel Gedeão. O juiz queria fazer uma ideia das proporções do roubo.

– Quanto lhe parece que o réu roubou ao José Pedroso. Um carro de feno? Mais? Menos?

O Gedeão caprichou em mostrar-se imparcial.

– Saiba o senhor Juiz que só a cálculo, muito por alto, se pode ajuizar. A vaca comeu do feno furtado parte do mês de Fevereiro e parte do mês de Março. Resta saber quando principiou. Se principiou a 15 como parece, e comia os seus dois molhos por dia, podem-se contar como certas as suas cinco dúzias, nunca para menos.

– Onde fica o carro de feno!?! – exclamou o senhor Juiz. – Responda a testemunha: o réu era pessoa bem comportada?

– Eu, por mim, nunca lhe tinha conhecido manhas ruins. O nosso padre é que se queixava de ele nunca ter tirado a bula da Santa Cruzada.

A testemunha seguinte, Júlio Carapito, além de avultar o roubo para umas duas carradas, acusou-o de pouco escrupuloso do alheio... Não fora a primeira vez, nem duas que lhe entrara na horta...

– Que lhe roubou? Couves...? Ou quê?

– Sim, senhor, palmou-me muitas abadas de caldo. Fechei os olhos. Louvores a Deus, as hortas têm sempre cabonde para a gente da casa e os bácoros.

– Tem outros agravos contra o réu?

A testemunha coçou a nuca.

– Explique-se...

– Agravos, é como quem diz. O réu dava o dia em minha casa e onde o rogavam. A certa altura pregou-nos a peça de trocar a enxada pela rabiça. Cá a meu ver – e nisso penso bem igualmente com o meu compadre Pedroso – o Justo Matias estava no seu direito e não estava. Quem quer bolota, atrepa, olé que se diz. Mas o Justo quis atrepar e quebrou as unhas. Não é lá tanto por deixar de me fazer o servicinho em casa, que lhe tenho azar. É pelo mau exemplo que dá aos pobretinas como ele. Mau exemplo. De ambição, primeiro. Porque não há-de qualquer filho da mãe ter gado, armar em lavrador? Mas pior: então porque se não tem, há-de roubar-se?

O advogado oficioso, que era um rapaz novo, pediu licença para instar a testemunha:

– De maneira que o senhor Carapito avalia o desfalque num montante superior ao que lhe atribuiu a primeira testemunha. Ora diga-me cá: em que se baseia para formular semelhante juízo?

O Carapito torceu duas vezes o grosso lábio, muito chegado às ventas cavалares, e respondeu:

– São cá palpites.

– Palpites não podem servir de prova. A que circunstância, facto, pormenor, se agarrou para assim se ter pronunciado?

O Carapito, mergulhando de novo no pélagos das suas congeminações interiores, voltou a torcer os lábios duas vezes num ricto problemático.

– Mau Maria! – tornou o advogado, erguendo a voz. – A testemunha declarou, ao contrário do senhor Gedeão – Gedeão não é? – que o desfalque devia ascender às suas duas carradas. Perguntei e torno a perguntar que factos ou jogo de presunções o induziram a formular semelhante afirmativa? O senhor imagina que vir testemunhar é apenas dar satisfação aos seus ódios ou ao seu compadrio e lá de empandeirar um homem para a Penitenciária não tem importância, hem?

– Se não foram duas carradas, foi mais de uma – rosou o Carapito.

– Foi mais de uma... Uma carrada e um molho? Veja lá!

– Sim, poderá ser – tornou a grunhir, no tom da pessoa que não aspira a outra coisa senão a que a deixem.

– De modo que, tendo em conta a sua reconsideração, o réu não desviou do haver do seu próximo duas carradas, mas metade de duas carradas, com a diferença de um molho. Ah, ah! ora aqui está uma testemunha de mão cheia, oito ou oitenta. Chama-se a isto exacta consciência! Outra pergunta, se faz favor: O réu teria cometido o seu horroroso crime a partir de que data...?

O Carapito, mais anojoso que encrespado, fez outra vez com os lábios – por modos o seu melhor instrumento de expressão – sinal de ignorância.

– A testemunha que o precedeu é de opinião que teria sido a partir de 15 de Fevereiro. Nisto concorda com as declarações do réu. Que lhe parece?

– Talvez.

– Talvez. Já dei conta que a testemunha gosta da ambiguidade. O talvez na sua boca é sim. Está certo? Pois que está certo, como acena, o senhor Carapito, que é lavrador, quantas vacas tem? Pode falar franco, que não é para lhas confiscar nem pagar mais tributos. Ouvi dizer que depois do Pedroso era o mais rico da terra. Tem dez, doze, quinze vacas?

– À manjedeira, tenho quatro vacas e duas novilhas, uma que já foi à cobrição, outra que está para ir.

– Não é nada mau, seis cabeças, para a serra. Quantos molhos de feno gasta por dia com elas?

– Depende. A minha vacada vai sempre ao lameiro. Devo gastar aí os seus três a quatro molhos... Os meus molhos são grandes... – e torcia os lábios num esgar de prosápia e soberba.

– Estimei muito ouvir o que lhe ouvi. E, senhor Juiz, permito-me chamar a atenção de V. Ex.a para a aritmética deste homem. O Justo Matias, com uma só vaca, gastaria uma carrada de feno, mais um molho – mais um molho! – num mês. Vinha a ser, segundo as contas aqui apresentadas, tirando uma média às dúzias de feno que comporta a carrada... $9 \times 12 = 108$; a dividir por 30, 3 molhos e meio, pouco mais ou menos, por dia. Quer dizer, uma vaca magra comia tanto como as seis vacas gordas. Apre!

– É da fisiologia – observou o juiz sorrindo. – Um magro absorve mais nutrimento que um gordo.

– Em regra é assim, Meritíssimo Juiz – proferiu o advogado em tom ameno de réplica. – Mas é preciso que o gordo e o magro partam de iguais condições, isto é, de manjedeira farta. Se o magro é magro de fome, perdeu o hábito de comer. A testemunha punha a vaca do pobre, que por via de regra jejuava, a devorar como as seis a que nunca faltava o penso. Repare V. Ex.a, senhor Juiz, como o depoimento deste tio é tendencioso, ou melhor iníquo!

O juiz voltou a sorrir com benevolência ao passo que o Carapito se fazia branco como a cal.

– Outra pergunta – tornou o advogado, encarando no homem já meio amarrotado. – O José Pedroso que lhe é?

– É meu compadre.

– É seu compadre. Ora, diga-me – e veja lá o que responde, que eu estou bem informado, veja lá! – há poucos dias, para as sementeiras da Primavera não andou com o seu compadre Pedroso a arrebanhar da cardanha da Boa Vista, precisamente a cardanha do nosso drama, o feno podre de há dois e três anos, senão mais? Meta a mão na consciência e responda. Se teme as contas que há-de dar a Deus, responda com lisura. É verdade ou não que andou a tirar para as terras, já estrume curtido, o feno do palhal do Pedroso?

– É verdade – regougou o Carapito.

– E porque é que apodreceu?

– Lá estaria empilhado contra a terra... ter-lhe-ia chovido em cima por alguma telha rota...

– Só por isso?

O Carapito torceu outra vez os beiços ao passo que sorvia ruidosamente o ar pelas narinas encatarradas.

– E não seria também por estar ali há muitos anos... ser feno velho?

O Carapito dobrou a cabeça em sinal de concordância.

– Senhor Juiz, assinalo a V. Ex.a o quilate moral dos depoentes. Diga-me outra coisa: tem agravos notórios contra o réu?

– Não senhor.

– À parte a folha de caldo que lhe apanhou nas hortas...?

– Não conta.

– E – compreende-se – o deixar de estar às ordens, como cabaneiro, para o trabalho mais pesado e mais urgente, hem? Diga, o seu regalo, quando soube que ele tinha adquirido uma vaquinha, era quebrar-lhe a aguilhada nas costas, diga, não tenha medo de dizer o que pensa...

– Lá isso...

– Ainda outra pergunta: quando ele foi a sua casa esmolar uns molhinhos de feno para salvar a vaca, que lhe morria, o amigo tinha os palhais atestados de feno. Tinha ou não tinha? Eu sei tudo...

– Se tinha era meu. Para o ter, comprei os lameiros e todas as noites eu, os filhos ou o moço lhes vão deitar a água.

– O réu não tinha lameiros?

– Tinha vontade deles.

– E não se condeou dele em precisão tão grande?

– Quem lhe mandou mudar de ofício!?

– Estou satisfeito, senhor Juiz.

As outras testemunhas abundaram no depoimento das duas primeiras. O Lagoaça, muito instado pela defesa, confessou que nesse ano vendera dois carros de feno. Não estava no seu direito vender a quem lhe apetecesse? Não o emprestou nem vendeu ao Justo, para que se não tivesse feito fino. E ainda para que não atirasse aos quintos a sacholinha de ganhar o dia!

O advogado limitou-se a denunciar a conjura tácita dos honrados ricos do lugar, que tiravam a bula da Santa Cruzada, contra o proletário que se escapulira da gleba. Isto lembrava-lhe o que outrora sucedia no sertão quando fugia um escravo... Os fazendeiros concertavam-se para lhe deitar a unha. Despachavam guardas, capatazes, molossos e os próprios escravos a bater o mato. Depois de o agarrar, frígiam-no em azeite. Era para ficar de escarmento... para servir de espelho. Em verdade estes compadres, a começar pelo rico- -avarento do José Pedroso, é que deviam sentar-se no banco dos réus, nada mais que em virtude do seu sórdido egoísmo, ao avesso do que manda a cartilha cristã, que sabem aliás na ponta da língua. E concluiu:

– Peço a absolvição deste triste, senhor Juiz!

O Justo Matias entretanto soluçava, grunhia:

– Morreu-me a vaca, acabei!

O oficial de diligências, que era da conróbia, dizia para as testemunhas, ao sair da audiência:

– O ladrão não come mais a broa da cadeia. Ah, ah! Vocês borraram por lá nas calças ao que cheiram de mal!

– Malvado de aterrador! – rosnou a meia voz o Carapito – que era bestinha que dava coice. – Se o apanho um dia, lá para a serra, prego-lhe uma chumbada!...

O juiz não tardou com o veredicto. Em face disto e daquilo, das atenuantes tal e tal a ter em conta a favor do réu Justo Matias, era-lhe dada a pena como cumprida.

Quando foi à cadeia buscar os manaxos, com a mulher ao lado e os filhos, todos caras de Páscoas, o carcereiro, que era torto, e nunca recebera peita dali, respondeu-o na sua gíria de cão de fila:

- Vai, vai! Ficas habilitado para fazer outra. Cá te espero!
- Pode esperar toda a vida, que os dentes nunca mais eu lhe verei.
- Quem sabe lá, meu safado! Tem-lo na pinta.

A mulher trazia uma bola com carne, que cozera na véspera porque o dedo mendinho lhe dizia que o seu homem vinha para casa. E, jubilosa, propôs-se meter com ele e os filhos para uma taverna. Justo bamboleou a cabeça que não. Reparou ela então que trazia o cabelo muito crescido em cabana sobre a gola da véstia, e lhe arruçara. Com a barba por fazer, metia medo. Passou-lhe então pela cabeça que o seu homem tivesse vergonha de se mostrar.

- Vai ao barbeiro, Justo. É ali fora... Tens aqui um tostão... Depois já se não riem de ti...
- Deixa rir. Eu morri. Estás a ouvir, mulher, morri!

*

Chegaram à terra pouco antes de se pôr o Sol. Já a nuvem de fumo dos lares, que rescende ao sargaço e rosmaninho, se formava sobre os telhados como a copa dum grande pinheiro manso. Os gados chocalhavam pelas vertentes verdes dos montes, com os pastores de capuchas dobradas no ombro e surrões vazios. Como era Primavera, o passaredo voltejava pelos carvalhais e ramalheiras. Entrou em casa, passeou um olhar indiferente por tudo, e não quis ir à loja da vaca, feita pocilga, ver a porca com os berrelhos, orgulho da mulher.

Sentou-se no poial, o seu degradado Monte Oreb, e logo se ajuntaram as comadres à volta dele, baldadamente cumprimentadeiras e palradoras:

- Vossemecê vem bô? Está mais gordo...
- Então não havia de engordar à sombra...

Justo chorava sem proferir uma só palavra.

- Deixe lá, homem, não se aflija. Passou, passou. Uma nódoa no bom pano cai!

– Olha, Justo, ninguém as faça esperançado de que as não paga. Tu pagaste, acabou--se. Olha, muita sorte tiveste tu em dares com um juiz passa-culpas.

– Atira-me com as mágoas para trás das costas. Tens bom corpo, trabalhas.

– Os ricos da terra, quando o aterrorizador lhes disse que para a cadeia é que deviam ir, se pudessem metiam-se no chão, debaixo do cisco. Foi-lhes bem feita! Vieram a ranger os dentes. O Carapito até deitava lume pelos olhos! Aquilo do doutorzito é que se chamava uma língua afinada!

O Justo soluçava, o corpo tomado ainda de estremeções, como sacudido por uma vaga interior que ia amainando.

– Meu santo, volta a página. Agora, vais dar o dia e levas vida farta como antigamente. Perdeste a vaca, mas ficas o mesmo homem.

– Aquilo foi o Diabo que ta tinha armado no palhal do tio José Pedroso...

Não respondeu a ninguém. Quando pôde deixar de chorar embrulhou um cigarro, como nos bons tempos de cabaneiro. Iria outra vez trabucar para a vinha dos ricos?

Afinal as comadres desertaram, perante a sua impenetrabilidade, largando a rosar: – O homem ficou zorato! – já ele se fundia no escuro da noite. Ali esteve por muito tempo, nem sequer atendendo aos filhos que o chamavam repetidas vezes:

– Senhor pai, venha cear. O caldo está na tigela...

– Morri, meus filhos – rosnou uma das vezes.

Quando a aldeia já sossegava, depois de dar graças e acomodar o gado, o Justo foi--se a casa pé ante pé. Na enxerga os filhos dormiam. A mulher ressonava enrolada no xale em cima da cama. Cortou uma fatia de pão no açafate, escolheu um saco e, pegando por detrás da porta dum pau, o pé duma sachola desencabada, meteu-se à noite pelo caminho da serra.

Na madrugada, estava lá longe, para Quijó. Os gados saíam dos estábulos, ao mesmo tempo que os moradores disparavam para os agros a lambar o beijo do arrebenta--diabos, que havia ainda nas salgadeiras carne das cevas. Tudo floria pelas hortas, pessegueiros, macieiras, couve galega, e o ar andava embalsamado de alecrim e alfazema, por cima do cheiro acre dos estrumes que tiravam das cortes. Bateu à primeira porta. Uma mulher negra, despenteada, veio ao traço:

– Dê-me uma esmolinha pelas suas obrigações...

Não sabia a lengalenga dos mendicantes com a encomendação dos mortos e o padre-nosso cantarolado, e a criatura, que era perscrutadora, mediu-o dos pés à cabeça:

– Não tenho pão para vadios. Tem bom corpo, trabalhe!

Desandou a cambalear e foi dar a uma quintã onde uma chusma de pedreiros reconstruíam um muro. Um deles pôs-se a olhar muito fito para ele:

– Você não é o Justo, que esteve preso na cadeia de Moimenta por causa dum biscato que praticou?

Ficou de olhos parados, a boca aberta diante do homem, sem lhe tornar resposta. O outro repicou:

– Eu andei na sua terra a fazer uma casa para o tio José Pedroso... hum, um homem que aparava as unhas muito rentes...

O Justo rompeu a chorar lágrimas gordas, que lhe desciam em bagadas pela cara esquálida.

– Coitado! É para que uma mãe cria um infeliz! Dêem-lhe lá uma côdea. Maria, dá lá uma côdea a este pobre homem...

Aceitou-a e foi comê-la mais adiante. O caminho velho estendia-se diante dele, ora lama, ora roído pelo rodado de ferro dos carros, e meteu por ele fora. Levou-o a Pendilhe.

A mulher do Gedeão, que era dali, estava na terra e logo quis o Demo que o avistasse. Foi, a correr com o cacarejo, alvoroçar o povo:

– Vocês têm na terra um grande ratoneiro. Cuidado com ele! Fechem as portas...

Quase o correram à pedra. Ainda lhe deram um empurrão. Não lhe bateram, porque mansidão tão absoluta era coisa de espanto e de temer.

Tupa, tupa, retrocedeu para a sua terra. O mato que floria, os pássaros que se erguiam aos pares diante dele desafiavam-no para todas as loucuras de viver. Via-os, mas era como se lhe passassem nos olhos por trás duma catarata. Costeou a Póvoa ao apontar das estrelas. Quando já era noite cerrada, encontrava-se diante do palhal do José Pedroso. Havia lua e, sem hesitar, topou ainda o buraquinho da parede com o prego das suas malas- -artes. Foi-se então ao primeiro palheiro e tirou um dos sobrigos, sorte de grandes e sólidos vincilhos que se atam ao corucho, e a toda a roda, com uma pedra em baixo, mantêm a coroça de palha indemne às intempéries do Inverno e do vento.

Experimentou-o, troço por troço, esticando-o de braços abertos atrás das costas, depois repuxando-o debaixo do pé. E certo da sua resistência, abriu a porta com o prego da maneira fácil que adquirira por experiência.

Subiu à rima do feno e, alumiado pelo luar, deu um laço no sobriço e tenteou-o na trave que fazia cumeeira, de empena a empena, por cima do vão. E não fez mais que introduzir a cabeça e precipitar-se.

In **RIBEIRO, Aquilino**. *Casa do escorpião: Novelas*, Lisboa, Bertrand, 1985, pp. 239-287.